

Pós-pornografia e as Ressignificações do Sexo no Audiovisual¹

Suelem FREITAS²

Bruno LEITES³

Alexandre Rocha da SILVA⁴

Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Rio Grande do Sul, RS

Resumo: O presente trabalho estuda a pós-pornografia, um movimento artístico que visa questionar e desmistificar as concepções tradicionais de corpo e de sexo através da produção de vídeos performáticos. Para tanto, adotamos como objeto empírico o vídeo *Fisting*, do grupo espanhol *Post-Op*. Ali vemos que a descentralização do prazer e a utilização do primeiro plano são elementos de inevitável consideração. A descentralização, uma prática contrassexual (Paul Preciado), afronta o corpo centrado e hierarquizado, cuja sexualidade se desenvolve em torno dos órgãos genitais. Quanto ao primeiro plano, em *Fisting*, consideramos que seja uma imagem-afecção, cujo projeto é mostrar um puro afeto, do corpo, porém não submetido a órgãos e a coordenadas espaço-temporais.

Palavras-chave: audiovisual; teoria queer; pós-pornografia; Post-Op; primeiro plano;

Introdução

A sexualidade se insere em agenciamentos que envolvem diversos campos e no qual a indústria pornográfica possui um papel importante. Em contrapartida à pornografia, que via de regra está associada à (re)produção de discursos heteronormativos, vimos recentemente surgirem movimentos de pós-pornografia. Estes movimentos, cujas definições ainda são objetos de disputa, via de regra estão associados à teoria queer e à contrassexualidade, nos termos propostos por Paul Preciado. Neste trabalho, analisamos um vídeo de pós-pornografia chamado *Fisting*, realizado pelo paradigmático grupo espanhol *Post-Op*, e cuja proposta é estimular uma prática de sexualidade descentralizada, fazendo, para tanto, um uso criativo do primeiro plano. O nosso objetivo neste trabalho é, portanto, compreender este vídeo, destacando a especificidade da sua prática contrassexual, qual seja, a descentralização do prazer por meio do uso do primeiro plano.

¹ Trabalho apresentado na Divisão Temática de Estudos Interdisciplinares da Comunicação, da Intercom Júnior – XII Jornada de Iniciação Científica em Comunicação, evento componente do XXXIX Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Estudante de Graduação do 8º semestre do curso de Comunicação Social – Jornalismo, bolsista de iniciação científica do Grupo de Pesquisa em Semiótica e Culturas da Comunicação (GPESC) da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), email: s.freitas555@gmail.com

³ Coorientador. Doutorando em Comunicação e Informação pelo PPGCOM-UFRGS, integrante do Grupo de Pesquisa em Semiótica e Culturas da Comunicação (GPESC) da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), email: bleites2003@hotmail.com

⁴ Orientador do trabalho. Professor dos cursos de Graduação e Pós-Graduação de Comunicação Social da UFRGS, email: arsrocha@gmail.com

Primeiramente, realizamos uma exposição da teoria da sexualidade em Freud no sentido da formação da sexualidade, para compreender como ali a sexualidade evolui com objetivo de se tornar organizado em torno dos órgãos sexuais. Além disso, este é o momento de retomarmos alguns conceitos que serão fundamentais posteriormente, como pulsão e objeto parcial. Depois, indicamos as bases da contrassexualidade, que apresenta um conjunto de práticas visando desconstruir a visão tradicional de sexo e corpo, dentre as quais se encontra a centralização do sexo nos órgãos genitais. Em seguida, passamos às análises do vídeo, destacando a utilização do primeiro plano sob dois aspectos: o princípio da máxima visibilidade (Linda Williams) e o primeiro plano como imagem-afecção (Gilles Deleuze). Com relação ao princípio da máxima visibilidade, que Williams destaca na sua análise da pornografia, podemos compreender que é relativizado em *Fisting*. Já o primeiro plano como imagem-afecção, que Deleuze observa em sua pesquisa de cinema, é radicalizado no filme. O corpo aparece, então, não como algo a ser mostrado, mas como uma pura potência a ser construída.

Heteronormatividade e a Centralização dos Prazeres

O conhecimento científico sobre a sexualidade, difundido no século XIX, considerava que o desenvolvimento sexual dos indivíduos ocorreria apenas na vida adulta⁵. Em *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade*, originalmente publicado em 1905, Freud (1976a) propõe uma quebra de paradigmas no pensamento sobre a sexualidade humana, postulando que desde a infância surgem os primeiros sinais de desenvolvimento da libido. A formação da sexualidade estaria assim vinculada ao desenvolvimento de uma hierarquização de órgãos no corpo e na centralização do prazer em órgãos específicos, genitais, do corpo humano.

Para Freud, é através do desenvolvimento das pulsões e de sua relação com a cultura que o homem chega à maturidade sexual. As pulsões se manifestam primeiramente durante a infância, na qual satisfação da pulsão sexual acontece em objetos parciais, como o peito da mãe, por exemplo. Durante a fase de amadurecimento, as pulsões vão sendo organizadas e inibidas pela cultura até o amadurecimento. Segundo Freud (1976a), quando se manifestam de forma descontrolada na fase adulta, quando obtêm plena satisfação por meio de objetos parciais, elas, as pulsões, tendem a gerar fetiches.

⁵ Ver: Silvia Maria Abu-Jamra Zornig, “As teorias sexuais infantis na atualidade: algumas reflexões”. In *Psicologia em Estudo*, Maringá, v. 13, n. 1, p. 73-77, jan./mar. 2008

Durante a infância, a criança tem no seio da mãe uma pulsão parcial, pois este local é a fonte de alimento e conseqüentemente de satisfação e prazer da criança. O seio é visto como algo separado do corpo da mãe. Na vida adulta, para o homem, conforme Freud (1976a), o encontro com o seio é, na verdade, um reencontro. O que era um objeto de satisfação independente passa, na maturidade, a ser um objeto de satisfação secundário, submetido às hierarquias que definem um objeto pleno, o corpo da mulher como um todo organizado.

Para Freud (1976a), é através desse desenvolvimento que a criança estará apta a atingir a maturidade sexual. Os objetos que satisfazem a pulsão sexual se modificam: enquanto na infância predominam objetos parciais, na puberdade ocorre a renúncia aos objetos infantis, a masturbação com maior frequência, e, logo, as definições de objeto sexual da maturidade, via de regra identificado com o gênero oposto.

Além disso, no final desse amadurecimento há a escolha de um alvo sexual “normal”, que segundo o psicanalista ocorre na relação sexual que acontece através da união dos genitais masculino e feminino. É um entendimento por inteiro, ou uma “síntese”, daqueles objetos parciais. Freud coloca que, depois do amadurecimento correto do período da latência na infância e do período da puberdade se chegaria ao estágio ideal da vida sexual humana, com os desejos voltados apenas para um único objeto sexual.

Na psicanálise freudiana há uma constante busca pelo “normal”, pelo que se encaixa em determinados parâmetros. O que não se enquadra, é tido como lugar de doenças, fetiches e perversões em geral. Essa é uma característica que não está apenas na psicanálise, visto que é um aspecto transversal no pensamento moderno⁶. É o que podemos compreender do ensinamento de Foucault (1999): a psicanálise se coloca como um campo que vai contra a repressão e o moralismo sexual, porém ainda teria tem uma função de normalizar o sexo, com “garantia científica de inocuidade, e com quanta precaução; para tudo manter sem receio de “transbordamento”, no mais seguro e mais discreto espaço entre divã e discurso” (FOUCAULT, 1999, p 11).

Freud coloca que na fase adulta não se deve demorar nos objetos parciais, pois eles são apenas intermediários ou acessórios para o fim principal. O que está dentro da normalidade sexual adulta, para Freud, é a busca pelo prazer ligada a função reprodutora, ou seja, o desejo no objeto sexual como um todo, mas centralizado nos órgãos genitais. Instaurando-se, portanto, uma patologia quando o desejo se fixa em outra parte do corpo ou

⁶ Ver: Michel Foucault “A implantação perversa”. in História da sexualidade I: A vontade de saber. 13ª ed. Rio de Janeiro: Graal, 1999

fora do corpo, que não seja a região genital, considerada pelo psicanalista o alvo sexual normal.

Os valores introduzidos pela modernidade trazem o homem como ser dotado de razão e vivendo em busca de sabedoria sobre as coisas do universo. O pensamento moderno foi marcado por correntes do Renascimento, do Iluminismo, do Humanismo, que foram catalizadoras da produção de múltiplos saberes do século XIX e início do século XX, dentre os quais encontra-se o saber sobre o sexo e sua expressão na psicanálise de Sigmund Freud.

A pornografia *mainstream* teve uma forte influência desses valores heteronormativos, do modo com que foram atualizados pelo saber científico da modernidade. Como forma de combater esses valores, a pós-pornografia vem pensando e praticando em novas formas de sexualidade que se desvinculam desses parâmetros hegemônicos.

A Contrassexualidade e a Produção dos Desejos

Paul B. Preciado, na obra *Manifesto Contrassexual* (2014), a partir de Judith Butler e Donna Haraway, evoca a contrassexualidade como o fim da natureza como ordem que submete certos corpos em detrimento de outros. Além disso, propõe que o corpo seja pensado como um instrumento político, e um lugar de criação e produção do prazer. No âmbito do contrato contrassexual, os corpos se reconhecem a si mesmos não como homens ou mulheres, e sim como corpos falantes, e reconhecem os outros corpos como falantes (PRECIADO, 2014, p. 21).

A contrassexualidade busca investigar “as transformações tecnológicas dos corpos sexuados e *generalizados*. Ela não rejeita a hipótese das construções sociais ou psicológicas de gênero, mas as ressitua como mecanismos, estratégias e usos em um sistema tecnológico mais amplo” (PRECIADO, 2014, p. 24). Desta forma, na contrassexualidade, há um potencial de realização de deslocamentos do que está posto como ideal na sexualidade, pois é uma forma de “desnaturalizar e desmistificar as noções tradicionais de sexo e de gênero” (PRECIADO, 2014, p. 25).

Segundo Preciado o gênero, o sexo e a sexualidade são formados através de “tecnologias biopolíticas”, um conceito de inspiração foucaultiana, que se refere a toda ordem de agenciamentos que atribui aos corpos determinadas características, regulando e produzindo um sistema heteronormativo. Nesses agenciamentos, que ocorrem no âmbito de grandes dispositivos biopolíticos (DELEUZE, 1990), toma parte, evidentemente, a mídia e

todos os dispositivos de produção de imagens, dentre os quais a indústria pornográfica. Como destaca Preciado (2014, p. 28), essa “tecnologia social”, “heteronormativa”, “pode ser caracterizada como uma máquina de produção ontológica que funciona mediante a invocação performativa⁷ do sujeito como corpo sexuado”. Portanto, com as tecnologias biopolíticas, que só fazem produzir a performatividade dos corpos biológicos e centrados nos órgãos e nas funções genitais, ocorre uma série de naturalizações. Portanto, não devemos ser ingênuos com relação à existência de órgãos sexuais, eles próprios desde sempre inseridos em dispositivos, em tecnologias biopolíticas.

Os órgãos sexuais não existem em si. Os órgãos que reconhecemos como naturalmente sexuais já são o produto de uma tecnologia sofisticada que prescreve o contexto em que os órgãos adquirem sua significação (relações sexuais) e de que se utilizam com propriedade, de acordo com sua “natureza” (relações heterossexuais). (PRECIADO, 2014, p. 31)

Na concepção moderna de sexualidade, que optamos por explicitar por meio da atualização de Freud, o prazer está associado aos órgãos genitais e isso ocorre pelo fato de estes serem os órgãos reprodutores, produzindo-se, assim, a heteronormatividade. A contrassexualidade afirma que o desejo, a excitação sexual e o orgasmo não possuem aderência natural em órgãos genitais (PRECIADO, 2014 p.23). A centralidade do prazer nos órgãos genitais faz parte de um sistema de controle e dominação de gênero, e que ao mesmo tempo produz e oprime. Conforme Preciado,

Os papéis e as práticas sexuais, que naturalmente se atribuem aos gêneros masculino e feminino, são um conjunto arbitrário de regulações inscritas nos corpos que asseguram a exploração material de um sexo sobre o outro. A diferença sexual é uma heterodivisão do corpo na qual a simetria não é possível. O processo de criação da diferença sexual é uma operação tecnológica de redução que consiste em extrair determinadas partes da totalidade do corpo e isolá-las para fazer delas significantes sexuais. Os homens e as mulheres são construções metonímicas do sistema heterossexual de produção e de reprodução que autoriza a sujeição das mulheres como força de trabalho sexual e como meio de reprodução. (PRECIADO, 2014, p. 26)

A contrassexualidade é uma forma de criação dos desejos. Portanto, não considera que o desejo esteja voltado unicamente para os órgãos genitais, e também não considera que as outras partes do corpo sejam apenas “intermediárias” no ato sexual e secundárias na organização, hierarquizada, do corpo. O sexo na contrassexualidade não tem o gozo, necessariamente, como um fim, este seria mais uma consequência que pode ou não chegar a

⁷ Preciado refere-se a performatividade de gênero, termo de Judith Butler, que em seus estudos questiona a naturalização que coloca o sexo (genital) como determinante da identidade de gênero e da orientação sexual.

acontecer. Além disso, visa que diversas partes do corpo sejam exploradas, criando-se assim, novas significações e novos afetos.

A pós-pornografia é um movimento artístico e social que visa questionar os padrões de corpo e sexo perpetuados na pornografia *mainstream*. As experimentações pós-pornô, que acontecem através de performances cinematográficas, em vídeos para a internet, ou ainda em espaços urbanos, têm como uma de suas principais influências a contrassexualidade de Preciado. A pós-pornografia vem acompanhando constantemente as teorias *queer* e feministas. Em diversos aspectos ocorre uma convergência dessas teorias, como a contrassexualidade e a performatividade de gênero, com a produção pós-pornô. Conforme Guacira Louro explica,

queer significa colocar-se contra a normalização – venha ela de onde vier. Seu alvo mais imediato de oposição é, certamente, a heteronormatividade compulsória da sociedade; mas não escaparia de sua crítica a normalização e a estabilidade propostas pela política de identidade do movimento homossexual dominante. Queer representa claramente a diferença que não quer ser assimilada ou tolerada e, portanto, sua forma de ação é muito mais transgressiva e perturbadora” (LOURO, 2001, p. 546)

As primeiras abordagens do conceito de pós-pornografia surgem no início da década de 1980, nos Estados Unidos, oriunda de uma vertente do movimento feminista, em que se encontravam principalmente mulheres lésbicas e atrizes pornô, que estavam insatisfeitas com cinema erótico comercial. Muitas dessas mulheres, como Annie Sprinkle, atriz pornô famosa nos anos 1980, hoje artista pós-pornô, começaram a realizar produções autônomas, que incluíam performances teatrais, revistas de sadomasoquismo ou ainda realizações de filmes pornográficos, no formato *mainstream*, mas com ênfase no prazer feminino. Atualmente, a pós-pornografia vai além do cinema comercial. Pornoterrorismo, ecossexo, tecnossexo, urbassexo estão entre as diversas abordagens que propõem a realização de um deslocamento na linguagem e na estética da pornografia tradicional, e, além disso, têm em comum um viés político e contestatório, ainda que, evidentemente, nem sempre convirjam em todas as suas práticas estético-políticas.

Experimentações Performativas: Post-Op em Ação

No início deste século, o pós-pornô, com esse viés político, queer e experimental, ganha força, principalmente na Espanha, com performances teatrais que invadem as ruas e

instituições de Barcelona⁸. Um dos principais grupos do país, que pesquisa e produz pós-pornografia, é o *Post-Op*. O coletivo tem a proposta de analisar gênero e sexualidade, no espaço público e privado, fazendo, dessa forma, uma crítica ao discurso normativo do sexo. Entre suas produções estão diversos vídeos de performances realizadas em festivais, gravados em estúdio ou ainda em territórios urbanos.

Foi na Maratona Pós-Pornô, realizada em 2003 em Barcelona, que surgiu o coletivo *Post-Op*. Este nome se refere ao estágio que se encontram as pessoas transexuais logo depois de uma operação, principalmente na cirurgia de redesignação sexual. O *Post-Op* fez uma apropriação do termo, em função de haver uma constante fabricação das tecnologias do sexo “que possibilitam as diferentes inscrições performativas de gênero e sexualidade” (OLIVEIRA, 2013, p. 236). A produção do coletivo não é realizada para estar em mais uma “categoria” do pornô, inclusive porque não possui fins mercadológicos, e, nesse sentido, os vídeos circulam livremente na internet, mas sobretudo porque não desejam o simples estímulo do prazer, mas a produção de desejos⁹.

O grupo utiliza a sexualidade como uma forma de criação artística. Podemos elencar algumas características da pós-pornografia realizada pelo grupo *Post-Op*: pratica da desconstrução do gênero como algo fixo; variação dos espaços, públicos e privados, de expressão da sexualidade; estímulo e produção de zonas corporais que foram “esquecidas” em prol da sexualidade centralizada nas regiões genitais; o uso de dildos, não como aparelhos que viriam a preencher uma falta, mas como objetos ressignificáveis por excelência na produção de novos desejos. Segundo Thiago Oliveira (2013, p. 242), pesquisador que acompanhou o coletivo de perto, em Barcelona, o *Post-Op* “se põe no lugar de desenvolver micropolíticas de sexualidade baseadas na auto-experimentação para resistir à normalização e criar novos planos de ação e subjetivação política”.

* * *

O vídeo que vamos analisar, *Fisting*, utiliza quase que exclusivamente o primeiro plano e problematiza a questão da centralização e descentralização do desejo nos órgãos genitais. Tomaremos como eixo a utilização do primeiro plano sob dois aspectos: o primeiro é o do princípio da máxima visibilidade, aproveitando a proposição feita por

⁸ Larissa Duarte, *Pornotopia: história, desafios e reimaginações das pornografias feministas*. 135 f. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2014

⁹ Disponível em: postop-postporno.tumblr.com. Acesso em setembro de 2015

Williams (1989) por ocasião da análise do primeiro plano na pornografia; o segundo aspecto, que, pretendemos, aparece como um desdobramento do primeiro, refere-se ao caráter afetivo desses primeiros planos, seguindo a linha que Deleuze (1985) trabalhou no contexto das imagens-afecção e das imagens-pulsão.

Fisting, termo que designa a prática sexual de inserção da mão ou do antebraço na vagina ou ânus, foi realizado em 2012 e contou com a produção do coletivo *Post-Op* em parceria com o performer Ben Berlin. Quase todo o vídeo foi gravado em primeiro plano, no qual vemos a mão de alguém masturbando uma cavidade do corpo humano. Nos momentos iniciais, a região é lubrificada e iniciam os gestos repetitivos que evidenciam o ato masturbatório. Porém, não há uma clara distinção sobre a parte do corpo que está sendo tocada: inicialmente lembra um pouco a aparência de uma genitália, no entanto as formas sofrem transformações e tornam-se indiscerníveis. (FIG.1) Há uma variação suave de enquadramento, mas a câmera continua em primeiro plano e jamais perde o foco principal.

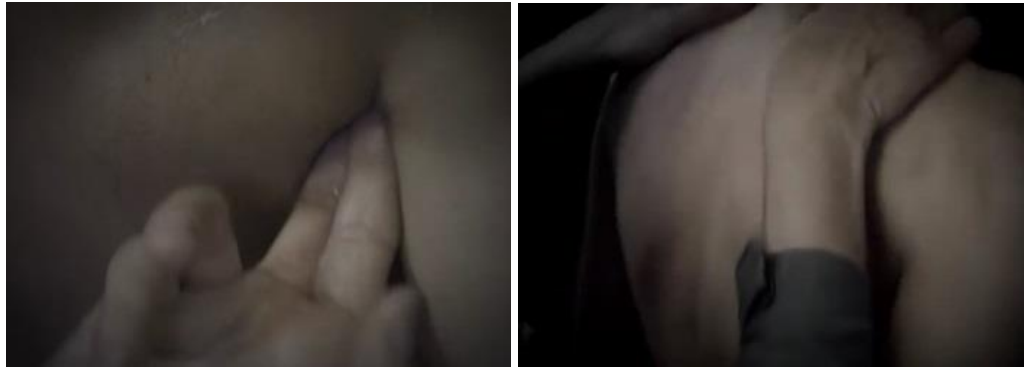
Figura 1: Descentralização do prazer em *Fisting*, (Espanha/Alemanha, 2012)



Ademais, a imagem é composta com uma iluminação baixa e pontos levemente escurecidos. Deve-se destacar, ainda, a existência de alguns momentos de desfoque ao longo do vídeo, os quais colaboram para a produção de indiscernibilidade sobre o objeto filmado. Com relação à sonoridade, ouve-se suspiros contínuos e com uma intensidade crescente, além de alguns gemidos que lembram uma voz feminina.

Como temos referido, o vídeo joga com a indiscernibilidade do objeto de prazer, abrindo possibilidade para múltiplas interpretações, como, por exemplo, uma junta de perna, junta de braço ou nádegas. A cena, que possui cortes, mas que pouco varia de enquadramento, dura quase 3 minutos. Ao chegar próximo ao término do vídeo, o plano da câmera abre vagarosamente e, finalmente, o enquadramento torna-se mais amplo revelando que a cavidade é de fato uma axila. (FIG.2)

Figura 2: órgão revelado de *Fisting*, (Espanha/Alemanha, 2012)



a) Primeiro Plano como Expressão do Princípio da Máxima Visibilidade

Os filmes e vídeos da indústria pornográfica utilizam-se constantemente de primeiros planos, com destaque para aqueles que enquadram os órgãos genitais. Linda Williams (1989), atribui esse hábito do pornô *mainstream* ao princípio da “máxima visibilidade”, em que ela considera que há uma forte vinculação do explícito com o real, sendo assim o espectador, que se encontra próximo à tela, tem sua visão qualificada de tal forma que quanto mais explícita é a imagem, mais excitante é a experiência. De acordo com Linda Williams (1989, p. 48 - 49), tanto o uso do close-up quanto a superiluminação nas genitálias são códigos utilizados na pornografia *mainstream*. Segundo Mariana Baltar (2013, p. 81) ocorre neste jogo a “intensificação de uma ideia de mobilidade/fluidez, interação e afetação”.

O que caracteriza as imagens que carregam o princípio da máxima visibilidade são os elementos que passam a sensação de que o que está se vendo “é verdade”, é algo que realmente aconteceu. Os efeitos de intimidade e de proximidade envolvem o espectador, que é “transportado pela magia dos primeiros planos da câmera e da edição, para a posição ideal de testemunhar as confissões de prazer dos corpos” (WILLIAMS, 1989, p. 32)¹⁰. Essa provocação de sensorial ocorre através do uso do primeiro plano que “em parte do corpo

¹⁰ “Each viewer is transported, by the magic of camera close-ups and editing, to the ideal position for witnessing bodies' confessions of pleasure”

age como fonte de estímulo e excitação (como vetor da ação e como convite à semelhante reação do espectador)” (BALTAR, 2015, p. 141). Além disso,

A (hiper)aproximação dos primeiros planos funciona como marca de excesso, produzindo interação da câmera com os corpos que intensifica a coreografia de prazer visual. (...) as marcas do explícito e o jogo relacional íntimo entre câmera e corpos que performam atos sexuais para essa câmera marcam o excesso pornográfico como um todo (BALTAR, 2015, p. 140).

No vídeo, o objeto foi associado a elementos que se assimilam e que se diferem do que já estava inscrito como “normal”. O primeiro plano realizado em *Fisting* está ligado à prática contrassexual de descentralização do prazer dos órgãos genitais, pois leva o princípio da máxima visualidade para outras regiões do corpo e, assim, produz a possibilidade de expansão do prazer para diferentes zonas corpóreas. Além de, ressignificar sentido de determinadas partes do corpo, fazendo também, uma inversão do “eixo semântico do sistema heterocentrado”¹¹.

b) Primeiro Plano como Imagem-Afecção

Na obra de Deleuze, *A imagem-movimento*, vemos dois tratamentos principais a respeito do primeiro plano. O primeiro deles está associado ao conceito de imagem-afecção enquanto que o segundo, de utilização mais restrita, está no universo das imagens-pulsão. Podemos chamar este segundo tipo de primeiro plano pulsional: é um primeiro plano que faz, das partes de corpos, um objeto parcial, seguindo a trilha dos conceitos que vimos no início deste trabalho.

Já sabemos que, desde a perspectiva de Freud, os objetos parciais satisfazem as pulsões sexuais na infância e, na maturidade, deveriam ser sempre secundários em um objeto total organizado sob a centralidade dos órgãos sexuais. O risco é o desenvolvimento de fetiches na vida adulta. No cinema, Deleuze nos mostra que esse fetichismo foi explorado por meio do uso dos primeiros planos:

O objeto da pulsão é sempre o "objeto parcial" ou o fetiche, quarto de carne, pedaço cru, dejetos, calcinha de mulher, sapato. Enquanto fetiche sexual, o sapato dá lugar a um confronto Stroheim- Buñuel, particularmente em *The Merry Widow*, de um, e *Diário de uma Camareira*, do outro. Tanto que a imagem-pulsão é, sem dúvida, o único caso em que o primeiro plano torna-se efetivamente objeto parcial; mas não é de forma alguma porque o primeiro plano "é" objeto parcial, é porque o objeto parcial, sendo o objeto da pulsão, torna-se então excepcionalmente primeiro plano. (DELEUZE, 1985, p. 162)

¹¹ PRECIADO, 2014

Neste uso do primeiro plano, os objetos de fetiche, dentre os quais vemos múltiplas partes de corpos, pés, bundas, seios, esses objetos existem para evidenciar o caráter parcial da satisfação de pulsões, seja de personagem, seja de espectador. Existe, portanto, uma correlação na imagem entre o primeiro plano, objeto parcial, e a pulsão sexual que ele satisfaz. No caso da pornografia, destaca-se evidentemente a necessidade de satisfazer o espectador.

Por outro lado, o primeiro plano da imagem-afecção vale por si próprio, o que significa dizer que não está submetido a uma relação de satisfação pulsional. Além disso, devemos referir, com Deleuze, que no primeiro plano afetivo acontece a perda da noção de espaço-tempo, e é neste instante que surge a pura expressão de afetos, uma desterritorialização em que a imagem se torna uma potência: “Como Balázs já mostrava com muita precisão, o primeiro plano não arranca de modo nenhum seu objeto de um conjunto do qual faria parte, do qual seria uma parte, mas sim, o que é completamente diferente, o abstrai de todas as coordenadas espaço-temporais, isto é, eleva-o ao estado de Entidade” (DELEUZE, 1985).

É nesse sentido, da imagem-afecção, que devemos compreender o primeiro plano em *Fisting*. Aqui, o primeiro plano aparece deslocado, desprovido de suas coordenadas espaço-temporais. O projeto é tão radical que sequer sabemos de que parte do corpo se trata. Vemos o ato da masturbação, em primeiro plano de cavidade do corpo, com traços que poderiam ser os de uma genitália, mas que produzem o efeito de indecidibilidade.

Além disso, no vídeo existem elementos que remetem à pornografia, como os gestos de fricção e os suspiros, porém eles vêm associados a estratégias que visam inibir a identificação dos corpos e das coordenadas espaço-temporais. Como dissemos, a pouca iluminação, os desfoques, contribuem para a desterritorialização da composição do corpo.

Fisting é uma prática de “desgenitalização”, em que a cavidade do corpo que aparece, se encontra descaracterizada e descontextualizada, é uma imagem que pode vir a ser algo, há uma deformação que faz dessa imagem uma potência. Portanto, há uma desorganização do pensamento e da experiência do espectador que, ao mesmo tempo em que assiste uma imagem que dialoga em parte com os primeiros planos da pornografia, também se depara com elementos novos que dão outra dimensão ao corpo.

Considerações finais

A pós-pornografia rompe com as codificações dominantes que incidem sobre os corpos e estabelecem o que está dentro da “normalidade” com relação ao desejo e ao prazer. Desta maneira, questionam as formas idealizadas de expressão da sexualidade, dentro desta concepção há um trabalho no combate a heteronormatividade presente em nossa sociedade.

Neste trabalho, analisamos o vídeo *Fisting*, que traz a questão da descentralização do prazer através da utilização do primeiro plano. A descentralização do prazer é um dos objetivos da pós-pornografia e das práticas contrassexuais, conceito elaborado por Preciado. O que a descentralização condena é a centralização do prazer nos órgãos genitais, a ideia de que o sexo na maturidade deve acontecer de tal forma as partes periféricas corpo sejam apenas objetos secundários para que se atinja um objetivo final, centralizado nos órgãos genitais, associado ao propósito de reprodução.

Em *Fisting*, a descentralização é praticada por meio da utilização do primeiro plano. Para compreendê-la, foi preciso observar algumas questões relativas ao primeiro plano no cinema: em primeiro lugar, a ideia de que o primeiro plano, na pornografia, como afirma Williams, serve para realizar o princípio da máxima visibilidade. A pornografia, como mostra a autora, sempre teve necessidade de mostrar os corpos da maneira mais explícita possível.

Porém, em um segundo momento, para compreender a utilização do primeiro plano como técnica audiovisual de descentralização do prazer foi preciso recorrer aos ensinamentos de Deleuze. Eles nos mostram que o primeiro plano tanto pode adquirir a função de objeto parcial, na linha de Freud e da psicanálise, se estiver numa relação de dependência com um corpo cuja pulsão sexual ele viria satisfazer. Longe de uma relação de satisfação, o primeiro plano pode virar uma imagem-afecção. Este é o caso do vídeo *Fisting*: que, como vimos, utiliza do jogo de luz, dos desfoques, em um enquadramento fechado para abstrair as coordenadas espaço-temporais.

Então, finalmente podemos considerar que este primeiro plano pretende mostrar um puro prazer, em nível de afeto, que desvincula o sexo da imposição de centralidade e existência órgãos do prazer. Evidentemente, devemos também ressaltar a estratégia de indecidibilidade permitida pela utilização do primeiro plano neste vídeo: não é jamais permitido estabelecer uma identificação, um reconhecimento para delimitar o corpo e restaurar suas possíveis hierarquias.

O que vemos, portanto, em Fisting, é uma prática contrassexual pós-pornográfica, que utiliza o primeiro plano afetivo, a imagem-afecção, como estratégia de descentralização do prazer. Trata-se de uma outra concepção de corpo e uma nova política do sexo.

Referências bibliográficas

BALTAR, M. Femininas Pornificações. In. BRAGANÇA, M.; TEDESCO, M. (org). **Corpos em Projeção: gênero e sexualidade no cinema latino-americano**. Rio de Janeiro, 7Letras, 2013.

BUTLER, J. **Problemas de Gênero: Feminismo e Subversão da Identidade**. 8ª ed. Tradução de Renato Aguiar. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2015.

DELEUZE, G. **A imagem-movimento**. São Paulo: Brasiliense, 1985

DELEUZE, Gilles. ¿Que és un dispositivo? In: Michel Foucault, filósofo. Barcelona: Gedisa, 1990, pp.155-161. Tradução de wanderson flor do nascimento.

FOUCAULT, M. **História da sexualidade I: A vontade de saber**. 13ª ed. Rio de Janeiro: Graal, 1999.

FREUD, S. **Um Caso de Histeria, Três Ensaios sobre Sexualidade e outros trabalhos (1901 – 1905)**. Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas completas de Sigmund Freud (Vol. VII). Rio de Janeiro: Imago, 2006.

LOURO, G. Teoria Queer: Uma política pós-identitária para a educação. **Revista Estudos Feministas**, vol. 9, núm. 2, segundo semestre, 2001, pp. 541-553

OLIVEIRA, T. Hardcore para um sonho: poética e política das performances pós-pornôs. **Repertório: Teatro & Dança**, v. 20, p. 235-252, 2013.

PRECIADO, B. **Manifesto Contrassexual**. Tradução de Maria Paula Gurgel Ribeiro. São Paulo: n-1 edições, 2014.

WILLIAMS, L. **Hard Core. Power, pleasure and the frenzy of the visible**. University of California Press, 1989.

